

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

THE ROLE OF EDUCATION IN SHAPING THE ETHNIC-RACIAL IDENTITY OF CHILDREN AND ADOLESCENTS

Erick Vinicius Barbosa dos Santos

Universidade Federal de Alagoas

erickviniciusbsantos@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8452-1299>

Gabriel Vinicius Andrade Carvalho

Universidade Federal de Alagoas

gabriel.andrade@delmiro.ufal.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8773-4711>

Natanael Robson Bezerra Felix

Universidade Federal de Alagoas

bezerran558@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-8027-3227>

RESUMO: Este artigo foi apresentado no IV Seminário Nacional do NUDES, I Seminário Internacional do NUDES: Sociedade, Educação e Direitos Humanos: equidade na diversidade. O Grupo de Trabalho em que o mesmo foi problematizado e socializado foi o GT 2. Gênero, Igualdade e Reprodução Social à luz da Teoria Crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Igualdade. Reprodução Social. Teoria Crítica.

ABSTRACT: This article was presented at the IV National Seminar of NUDES, I International Seminar of NUDES: Society, Education and Human Rights: equity in diversity. The Working Group in which it was discussed and shared was WG 2. Gender, Equality and Social Reproduction in the light of Critical Theory.

KEYWORDS: Gender. Equality. Social Reproduction. Critical Theory.

Introdução

A identidade étnico-racial é um aspecto fundamental na formação da personalidade de crianças e adolescentes, moldando suas experiências sociais, culturais e educacionais. A rica diversidade racial e étnica do Brasil é um pilar da nossa sociedade, mas o racismo estrutural e as desigualdades históricas continuam a marginalizar e discriminar grupos minoritários, impactando negativamente a autoestima e a identidade desses indivíduos. Diante disto, a educação formal emerge como uma ferramenta poderosa para construir uma sociedade justa e inclusiva. Ao promover a conscientização sobre as questões raciais e valorizar as diferenças, a escola pode auxiliar na construção de identidades étnico-raciais saudáveis e fortalecidas, essa é a reflexão proposta por este texto.

Objetivos

Considerando a legislação educacional vigente, o Estatuto da Igualdade Racial e as Diretrizes para a Educação das Relações Étnico-Raciais, este texto tem por objetivo refletir sobre como o ambiente escolar influencia, positiva ou negativamente, no processo de afirmação do pertencimento identitário de crianças e adolescentes, explorando as potencialidades da práxis educativa.

Metodologia

Trata-se de um levantamento bibliográfico de natureza qualitativa. As discussões sobre este tema surgiram a partir dos estudos e pesquisas realizados no interior do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Igualdade e Reprodução Social (GENIR). O estudo da categoria das categorias igualdade étnico-racial e reprodução social despertaram o interesse por aprofundar a questão do pertencimento identitário e todos os desafios postos à educação. Neste sentido, por meio da técnica de revisão bibliográfica baseada em autores como Boccato (2006) e Sousa; Oliveira; Alves (2021, p. 65), entende-se o estudo bibliográfico enquanto elemento essencial à pesquisa científica, pois, ele fornece um “conjunto de

informações e dados contidos em documentos impressos, artigos, dissertações, livros publicados” necessários à fundamentação da análise dos temas investigados.

Resultados E Discussão

A identidade étnico-racial é construída ao longo da vida, por meio das interações sociais. As crianças começam a perceber as diferenças raciais desde cedo, no convívio familiar e comunitário. A escola, como um espaço de socialização secundário, desempenha um papel crucial nessa construção. De acordo com Panta; Silva (2024, p. 11) o espaço escolar pode potencializar as dificuldades enfrentadas pelos/as estudantes negros/as, as violências e violações de direitos no âmbito étnico-racial vão desde as ações e omissões institucionais, como a “discriminação praticada por professores”, até a “falta de iniciativa destes mediante situações de racismo, até os confrontos com colegas que os discriminam, circunstância que restringe suas possibilidades de sucesso escolar, desestimula sua permanência e intensifica sua evasão”. Ao mesmo tempo, sem a participação da escola na desconstrução de estereótipos e paradigmas dominantes, não há condições de erradicar o racismo no meio educacional.

Durante a infância e adolescência, os indivíduos passam por intensas transformações, buscando compreender sua identidade e seu lugar no mundo. Uma educação baseada em valores de equidade e respeito à diversidade oferece o suporte necessário para que os jovens desenvolvam uma identidade étnico-racial positiva. Por outro lado, um ambiente escolar que ignora ou reproduz padrões racistas e eurocêntricos pode gerar sentimentos de inferioridade e rejeição da própria identidade.

Ao buscar promover uma identidade étnico-racial positivada, a deve se comprometer com a promoção de uma educação antirracista, incorporando práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural e racial. Isso envolve o uso de materiais didáticos que representem positivamente as populações negras e indígenas, a discussão sobre racismo e discriminação, e a formação contínua de professores para abordar essas questões de forma ética e responsável. Projetos interdisciplinares que englobam história, geografia, artes e língua portuguesa podem oferecer uma

abordagem mais abrangente e reflexiva sobre o papel das populações marginalizadas na sociedade, enfim, desenvolvendo projetos de transformação como dito por Cida Bento (2022).

Conceituando a identidade étnico-racial

A identidade de modo geral é um constructo social constituído historicamente, ela se institui na relação com a diferença. Portanto, a igualdade precisa das dimensões de semelhança e diferença para se objetivar, nos indivíduos isto se dá na relação com os outros, no estabelecimento de semelhanças entre os demais membros de seu grupo e na definição de diferenças entre si os elementos dos demais grupos. Na mesma perspectiva a identidade étnico-racial é um aspecto fundamental na formação do indivíduo, resultando de um processo contínuo que envolve a autopercepção e as relações sociais. Como dito por Peixoto: “Ninguém constrói sua identidade sozinha (o), ela é construída coletivamente em meio aos conflitos e diálogos exterior e interior no convívio com a sociedade, isto vale para todos os povos e culturas” (Peixoto, 2015, p. 17).

Conforme Nilma Lino Gomes (2003), essa identidade é moldada pelas interações com os demais e influenciada por experiências de cunho social, político, cultural e afetivo. Logo, o pertencimento a um determinado grupo étnico-racial ultrapassa a mera questão biológica, sendo construído ao longo da vida, especialmente no ambiente escolar, onde se iniciam as primeiras percepções sobre si mesmo e sobre os outros. A construção da identidade é um processo que envolve autodescobertas e afirmações, mas também conflitos e tensões, sobretudo, quando o pano de fundo deste processo é a sociedade desigual, machista, patriarcal, racista, capacitista e moldada por fobias do campo LGBTQIAPN+.

No caso da identidade negra, desde a primeira infância os indivíduos são submersos em um contexto de construção de estereótipos, preconceitos e discriminações, que vão sendo internalizados nas brincadeiras, na manipulação de brinquedos, nas relações com familiares e amigos, e vão sendo gradualmente ensinados a reproduzir socialmente esse padrão de relações e autopercepções como sendo o universal.

Nas sociedades desiguais, a identidade se constitui historicamente como padrão de dominação, onde há um modelo a ser seguido como o único aceitável, após a colonização, segundo a visão dos europeus, a identidade europeia corresponde a de “homem universal” (Bento, 2022, p. 17), modelo ideal a ser copiado.

O papel da educação na afirmação da identidade étnico-racial

Diante dessa realidade, a escola emerge como um espaço privilegiado para promover o reconhecimento e o respeito às diversas identidades étnico-raciais, fortalecendo assim a autoestima dos estudantes. Nessa perspectiva, autores como Kabengele Munanga (2004) e Petronilha B. Gonçalves e Silva (2007) enfatizam a estreita relação entre a construção da identidade étnico-racial, a justiça social e a luta contra o racismo, bem como a valorização das culturas de origem africana, indígena e de outros grupos historicamente marginalizados. Munanga defende que a educação antirracista é crucial para o desenvolvimento de uma identidade positiva e saudável em crianças e adolescentes negros, Petronilha Gonçalves por sua vez fez a defesa de políticas educacionais afirmativas no âmbito do Conselho Nacional de Educação. Desse modo, a educação vai além da simples transmissão de conhecimentos, assumindo um papel fundamental na transformação da sociedade, apesar de todos os seus limites. Ao valorizar a diversidade étnico-racial, a escola contribui para a desconstrução de estereótipos e para a construção de uma sociedade justa e inclusiva.

No espaço educacional, a escola é a principal ferramenta na afirmação da identidade étnico racial para que os indivíduos possam resgatar sua ancestralidade e valorizar as suas culturas. No caso da afirmação da identidade negra, é importante destacar os desafios enfrentados por esse segmento populacional e desenvolver ações pedagógicas de autoafirmação, pois, essa “população traz consigo traços históricos, sociais e fenótipos como cabelo crespo ou cacheado, nariz largo, lábios grossos e a própria cor da pele. Muitas vezes por autoproteção, há um movimento de negação do reconhecimento como negro. Internalizamos a associação do que é negro ao que é ruim.” (Cavalcante; Barros; Moura, 2019, p. 3).

Diante do movimento que nega o reconhecimento da negritude, a escola assume um papel crucial na desconstrução de estereótipos negativos associados à identidade negra, desta forma precisa trazer para o conteúdo escolar outra perspectiva que não seja apenas a visão eurocêntrica, que apaga e distorce a história nos currículos escolares e que por consequência gera uma baixa autoestima e desvalorização da própria identidade. Segundo Silva (2007):

A ideologia do branqueamento além de causar a inferiorização e a auto rejeição, a não aceitação do outro assemelhado étnico e a busca do branqueamento, internaliza nas pessoas de pele clara uma imagem negativa do negro, que as leva a dele se afastarem, ao tempo em que veem, na maioria das vezes, com indiferença e insensibilidade a sua situação de penúria e o seu extermínio físico e cultural, atribuindo a ele próprio as causas dessa situação (Silva, 2007, p. 97).

Disto resulta que muitos/as jovens tentem se distanciar ao máximo da sua negritude, seja por meio de alisar o cabelo desde cedo ou por meio de procedimentos estéticos, para suavizar/invisibilizar/apagar suas marcas identitárias e assim tentar se sentirem mais valorizados/as. Esse é o jogo da ideologia do branqueamento, conforme definida por Ana Célia da Silva, para mudar essa situação é necessário oferecer um currículo que valorize a diversidade, empodere os/as estudantes, proporcionando-lhes as ferramentas necessárias para o empoderamento identitário, elevação da consciência crítica e valorização de seu pertencimento cultural ancestral. Só assim serão capazes de questionar as desigualdades e contribuir na construção de um futuro justo. Noutras palavras, a escola deve não só educar sobre o racismo e suas consequências, mas também estimular um olhar crítico sobre a história e a cultura, promovendo o diálogo e valorizando a diversidade étnico-racial, problematizando o legado escravista, mas também refletindo positivamente sobre a história e cultura afro-brasileira, africana e indígena e seu legado no mundo. Assim, os estudantes desenvolvem uma compreensão mais profunda de si e o mundo. Ao oferecer aos/as estudantes os recursos para questionar as desigualdades e promover a inclusão, a escola os/as empodera a serem agentes de mudança, construindo um futuro em que a diversidade seja verdadeiramente valorizada.

Assim, o papel da educação na afirmação da identidade étnico-racial é ter por alvo a “formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover

condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais” (Silva, 2007, p. 490), em síntese, uma educação de fato de qualidade socialmente referenciada.

Desafios e possibilidades à Educação para as Relações Étnico-raciais – EREER

A Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) é uma iniciativa essencial para promover a compreensão, o respeito e a valorização das diversas identidades étnico-raciais na sociedade. No entanto, sua implementação enfrenta vários desafios que precisam ser superados para que seu potencial seja plenamente realizado. De acordo com Petronilha Gonçalves e Silva, a ERER deve se ater aos princípios constitucionais e se pautar no desenvolvimento da “consciência política e histórica da diversidade; fortalecimento de identidades e de direitos; ações de combate ao racismo e a discriminações” (Brasil, 2004b, p. 17, apud Silva, 2007, p. 491).

Conforme Munanga (2012), muitos afrodescendentes no Brasil encontram dificuldades para se reconhecerem como negros devido às complexidades e ao impacto do racismo na sociedade. O autor ainda observa que, apesar de algumas pessoas apresentarem características fenotípicas africanas, elas frequentemente não se identificam como negras, preferindo a classificação de “moreno”. Este fenômeno revela a presença de um racismo velado, evidenciado pelo fato de que, enquanto esses indivíduos podem não se reconhecer como negros, são frequentemente categorizados como tal por policiais e zeladores com base em sua estética. Suas marcas, por mais que camufladas em salões e clínicas de procedimento estético, não podem ser apagadas, as pessoas negras sempre serão lidas socialmente como negras pelas instituições e sociedade em geral, e seguirão atravessadas pelo racismo estrutural. Portanto, o papel da ERER é problematizar essa realidade social.

Um dos principais desafios enfrentados pela ERER é a resistência cultural e institucional à discussão de questões raciais nas escolas. Muitas vezes, temas relacionados à raça e à diversidade étnico-racial são considerados polêmicos ou secundários, resultando em uma abordagem superficial ou no completo abandono desses tópicos no ambiente escolar. Essa resistência geralmente está ligada ao

desconhecimento ou ao desconforto em lidar com questões que expõem desigualdades e preconceitos profundamente enraizados na sociedade, isto se potencializa quando se trata do segmento quilombola, neste sentido, educação quilombola, precisa se aliar a EREER na afirmação da representatividade negra:

É importante evidenciar ainda, que a educação quilombola faz com que as crianças negras/quilombolas se auto identifiquem e tenham orgulho de serem quilombolas, pois desde cedo aprenderão a importância da autoaceitação e dos seus ancestrais, fazendo com que aceitem-se ser quem são, descubram suas histórias, por isso, é de suma importância que os professores promovam discussões, debates, rodas de conversa com assuntos relacionados ao racismo, preconceito, discriminação e sobre as relações étnico-raciais para que de forma coletiva possa-se construir uma educação escolar antirracista nas ações pedagógicas e administrativas da escola (Santos; Santos, 2023, p. 131).

É importante destacar que as autoras distinguem Educação Escolar Quilombola de Educação Quilombola, e no trecho acima elas se referem a educação quilombola em seu sentido lato, na compreensão crítica da educação antirracista. Esse é um grande desafio e ao mesmo tempo uma grande possibilidade da EREER, a promoção de discussões e debates no interior da escola com os profissionais da educação, pois, para educar crianças e adolescentes a partir dos princípios da EREER, é preciso antes educar os educadores. O ensino regular como um todo enfrenta diversos desafios, sendo esses os principais: a) formação de professores; b) reorganização curricular; c) organização de uma proposta político pedagógica de fato plural em todo o escopo da diversidade. Contudo, compreende-se aqui que a formação de professores, deve é um grande potencial a ser explorado pela EREER.

Muitos educadores, tanto em sua formação inicial quanto na formação continuada, não recebem a preparação adequada para abordar questões étnico-raciais de maneira crítica e informada. Isso resulta em uma falta de preparo para mediar discussões ou desenvolver atividades que promovam a igualdade racial e a valorização da diversidade cultural. O predomínio de um currículo eurocêntrico nas escolas dificulta a inclusão de conteúdos que reflitam a diversidade étnico-racial. A ênfase na cultura e na história europeias, em detrimento das culturas africanas, indígenas e outras, perpetua estereótipos e limita a visão dos alunos sobre a diversidade do mundo, neste sentido a formação dos professores em paralelo com a

formação de crianças adolescentes é grande aposta para que a EREER possa oferecer inúmeras oportunidades para promover a inclusão e a valorização da diversidade no ambiente escolar, criando espaços mais acolhedores e equitativos para todos os alunos.

Considerações finais

A partir do exposto até aqui, se conclui que a EREER é a grande proposta para formação da identidade de crianças e adolescentes, neste sentido, a capacitação de professores é fundamental para o sucesso da EREER. Investir na formação continuada dos educadores em temas relacionados à diversidade étnico-racial permite que eles lidem com questões complexas de forma mais confiante e eficaz, transformando sua prática pedagógica.

Além disso, o uso da tecnologia e da inteligência artificial abre novas oportunidades para a EREER, pois, as ferramentas tecnológicas podem ser empregadas para criar materiais didáticos interativos e adaptativos que abordem a EREER de maneira envolvente e personalizada, auxiliando os professores na tarefa de educar para a diversidade, valorizando a diversidade cultural em seus conteúdos, com isso a escola resgata narrativas esquecidas, promovendo uma memória coletiva mais justa e completa. Assim, avançamos rumo a um futuro em que todos são tratados com igualdade e respeito, combatendo as raízes do racismo e da discriminação. Não apenas empoderando as identidades negras, mas também, dando visibilidade a representatividade negra nos espaços de poder para que as novas gerações tenham referências positivas a seguir e tenham orgulho de serem quem são. Ao abordar temas como empatia, respeito e justiça social, a EREER contribui para o desenvolvimento de competências socioemocionais e prepara os alunos para viver em uma sociedade plural.

Referências

1. BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

2. BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
3. CAVALCANTE, Maria de Souza *et al.* O papel da escola na formação de identidades: um olhar sobre a construção da identificação racial. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., 2019, Fortaleza. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: www.editorarealize.com.br. Acesso em: 16 set. 2024.
4. GOMES, Nilma Lino. A identidade étnico-racial e a educação: o debate das cotas e a lei 10.639. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 106-118, 2003. Disponível no SciELO.
5. MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2000.
6. PANTA, Mariana; SILVA, Maria Nilza da. Os impactos do racismo na trajetória de estudantes do ensino médio: experiências e percepções de negros e brancos. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 26, e-soc130382, p. 1-31, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/Gbmtqq3YrzkZpFvjVrv4zXB/>. Acesso em: set. 2024.
7. PEIXOTO, Valmira Nascimento. **Identidade negra na educação básica: a educação mediando as relações étnicas entre alunos numa escola quilombola no município de Água Branca**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2015.
8. SILVA, Ana Célia da. Branqueamento e branquitude: conceitos básicos na formação para alteridade. *In*: NASCIMENTO, Antonio D.; HETKOWSKI, Tânia M. (org.). **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007.
9. SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

- 10.SOUSA, A. S. de; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, MG, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.